

Evento: XXI Jornada de Extensão
ODS: 4 - Educação de qualidade

PRÁTICAS RESTAURATIVAS NO ALCANCE DE UMA EDUCAÇÃO DE QUALIDADE¹

RESTORATIVE PRACTICES IN ACHIEVE QUALITY EDUCATION

Alana Tanise dos Santos Vieira², Marta Estela Borgmann³

¹ Trabalho desenvolvido a partir dos estudos e vivências no Projeto de extensão Cidadania Para Todos, vinculado ao Departamento de Ciências Jurídicas e Sociais da UNIJUI

² Bolsista de Extensão e Acadêmica do 9º semestre do Curso de Pedagogia da UNIJUI

³ Professora do Curso de Pedagogia e do Departamento de Humanidades e Educação/UNIJUI

INTRODUÇÃO

A temática que ora se apresenta surge das reflexões decorrentes das experiências (embora ainda poucas pelo tempo de inserção) do projeto de extensão Cidadania para Todos, vinculado ao Departamento de Ciências Jurídicas e Sociais, da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí.

Este projeto tem como centralidade o debate e a prática dos princípios da Justiça Restaurativa e deste modo, aciona uma proposta interdisciplinar, mobilizando um número significativo de atores sociais, acadêmicos e docentes de diversos cursos da Universidade, gestores, professores e alunos da educação básica. O projeto converge para um foco comum de ações com base em metodologias restaurativas, promovendo o diálogo, a reflexão, a responsabilização, bem como a vivência de valores civilizatórios. Este envolvimento com a temática nos fez refletir sobre a efetivação do direito à educação numa perspectiva de qualidade. Entendendo educação de qualidade aquela que leva em conta o protagonismo de todos que fazem parte de maneira equânime, respeitosa e de relevância para o bem comum.

Sendo assim, a Justiça Restaurativa é um procedimento que prioriza o diálogo, entre os envolvidos numa relação conflituosa, para que construam de forma conjunta e voluntária soluções mais adequadas para a resolução de conflitos (PRANIS,2010). A partir deste conceito, surge então as práticas restaurativas que podem ser ferramentas que possibilitam um espaço de diálogo, a fim de construir no universo educativo uma efetiva integração entre as pessoas. Representando muitas vezes uma alternativa para as políticas de exclusão escolares, as práticas restaurativas são metodologias capazes de modificar o fazer pedagógico dos educadores.As práticas restaurativas nos possibilitam desenvolver um olhar sensível em relação aos nossos educandos, percebendo o outro como igual, que também está em um lugar de aprendizagem

Desta forma, esse trabalho tem por objetivo discutir como as práticas restaurativas podem ser eficazes para proporcionar oportunidades de restabelecimento de vínculos entre estudantes, principalmente neste período em que as pessoas, por motivo da pandemia estão afastadas, bem como demonstrar a importância desta metodologia para o resgate de valores e princípios pautados no diálogo, possibilitando assim o alcance de uma educação de qualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Práticas Restaurativas; Educação; Educação de qualidade.

Evento: XXI Jornada de Extensão
ODS: 4 - Educação de qualidade

KEYWORDS: Restorative Practices; Education; Quality Education.

METODOLOGIA

A construção teórica deste resumo expandido se deu a partir de estudos que foram desenvolvidos através de pesquisas bibliográficas, leituras, fichamentos de livros e, breve vivência com os círculos restaurativos que aconteceram na modalidade online. Bem como experiências anteriores como PIBIDIANA e estágios obrigatórios do curso de Pedagogia.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

As vivências e experiências que são adquiridas durante a formação inicial, em situações de estágios e práticas pedagógicas tem nos mostrando o cotidiano da escola no seu dia a dia e as metodologias utilizadas na resolução de conflitos. O castigo, situação que ainda está muito presente, se mostra velado na forma da perda do direito ao recreio, encaminhamento a direção, as vezes ao menor sinal de conversas paralelas a professora grita ou manda calar-se. Essas situações nos mostram a necessidade de buscar metodologias alternativas, para que os educandos não sintam-se excluídos e nem discriminados, mas que sejam marcados de forma positiva em relação às vivências escolares.

Quando o aluno apresenta atitudes consideradas desviantes, ou seja, diferentes daquelas esperadas e tidas como “normais”, o primeiro tratamento que recebe são agudas críticas, as quais reforçam a necessidade de mudança comportamental por parte desse mesmo aluno (PISTOIA; SILVA. 2017. p 47).

Observamos na prática que as grandes dificuldades dos alunos em relação ao seu desempenho escolar está muitas vezes relacionada a problemas familiares, desigualdades

sociais e ambientes hostis, que fazem com que as crianças e os adolescentes cheguem à escola com uma carga emocional carregada de preocupações e frustrações. Contudo, nem sempre nesse ambiente escolar as crianças e os adolescentes encontram o apoio que necessitam, ou um ambiente tranquilo, por vezes os educadores sobrecarregados com suas demandas, acabam encarando a profissão como apenas o dar aulas e não como agentes de transformação para o alcance de uma educação de qualidade e a formação de cidadãos conscientes dos seus papéis na sociedade.

É importante que os educadores se abram à novas metodologias, para que a resolução de conflitos que são encontrados em sala de aula, quase que diariamente, possam ser discutidos, resolvidos e laços sejam criados. Para isso, a metodologia das Práticas Restaurativas nos traz inúmeras possibilidades que vão além do alcance da resolução dos conflitos, mas que contribui diretamente para a construção de uma educação de qualidade e inclusiva a todos os sujeitos.

As metodologias restaurativas a serem trabalhadas em sala de aula e no contexto escolar, através dos processos Circulares de Construção de Paz e a prática da Comunicação Não-Violenta, dentre outras, são fundamentais para o desenvolvimento de uma nova cultura, que valoriza as relações, e cada sujeito em suas especificidades. Para a realização do Círculo, há um estabelecimento preliminar de diretrizes, que orientam o trabalho. Os círculos oferecem

Evento: XXI Jornada de Extensão
ODS: 4 - Educação de qualidade

a oportunidade de refletir acerca dos valores, no contexto escolar podemos pensar principalmente no respeito, na responsabilidade e na relação com o outro, despertando o senso comunitário.

O estar em comunidade é algo que se aprende- e que em geral não surge simplesmente do fato de estarmos no mesmo lugar, na mesma hora. Alunos que se beneficiaram do uso do Círculo diário em suas classes notaram a diferença comparando com os anos anteriores. “Nesse ano eu sei o nome de todo mundo da minha classe, e no ano passado não”, disse um aluno do sexto ano. O Círculo confere a todos a oportunidade de falar e se ouvido. Desse modo, temos a garantia de que ninguém fica de fora (PRANIS, 2010, p. 96 - 97)

Quando estamos sentados em círculo, ou até mesmo em uma sala virtual, partilhamos do sentimento de igualdade e todos os sujeitos são incluídos. Uma das diretrizes que são pré-estabelecidas, é a confidencialidade, portanto há uma liberdade muito grande para que consigamos nos expressar e partilhar nossas histórias. Ao ouvir as histórias uns dos outros,

começamos a nos identificar com o outro, percebemos que não estamos sozinhos, criamos conexões, nos sentimos acolhidos e encontramos conforto uns nos outros. Quando realizados em sala de aula, os círculos proporcionam ambientes muito mais agradáveis para construir laços duradouros, onde cada educando buscará apoiar o outro, pois estará se vendo no outro.

Outra prática importante em sala de aula, diz respeito a comunicação não-violenta, pois os educandos estão constituindo sua condição humana e enriquecendo, com os pares, a sua linguagem, a escola é um ambiente rico em linguagens. O psicólogo Marshall Rosenberg nos explica a comunicação não-violenta através de uma estrutura composta por quatro elementos: a observação, o sentimento, as necessidades e por fim o pedido. Portanto, para desenvolvermos a Comunicação Não-Violenta é importante observar os eventos que estão em andamento, sem fazer pré-julgamentos e identificando

como nos sentimos ao observar aquela ação: magoados, assustados, alegres, divertidos, irritados, etc. Em terceiro lugar, reconhecemos quais de nossas necessidades estão ligadas aos sentimentos que identificamos aí. Temos consciência desses três componentes quando usamos a cnv para expressar clara e honestamente como estamos (ROSENBERG, 2006, p. 25)

Fazendo uso das práticas restaurativas, será mais fácil atingir o objetivo de assegurar uma educação de qualidade, pois ao passo que as mudanças acontecerem, a escola poderá ganhar na emancipação e protagonismo de seus alunos. Visto que eles estão pensando em coletividade,

Evento: XXI Jornada de Extensão
ODS: 4 - Educação de qualidade

as necessidades e dificuldades que os educandos encontram são solucionadas por eles mesmos, uns pensando nos outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há uma grande necessidade, podemos dizer até urgência, em repensarmos acerca das mudanças de metodologias que estão sendo aplicadas pelos educadores. Para que as experiências dos educandos não mais sejam apenas experiências obrigatórias colocadas pelo estado, mas que haja prazer em estar no ambiente escolar, que se conquiste um ambiente acolhedor, um ambiente de paz.

Construir na escola ou em qualquer espaço social uma cultura de paz, de cooperação, de não violência é um desafio permanente que deve fazer parte de todas as instituições acadêmicas, pois crianças e jovens necessitam desenvolver o aprendizado dos valores essenciais da convivência. É possível perceber, mesmo nesse curto espaço de tempo de aprendizado sobre as práticas restaurativas que elas podem promover diferenças significativas nas relações interpessoais, promovendo aquilo que todos sabemos ser essencial – um mundo de paz.

REFERÊNCIAS

PISTOIA, Cristiane Debus; SILVA, Isabel Cristina Martins. Práticas Restaurativas – Uma metodologia ao Alcance do Educador. Porto Alegre: Ediplat, 2017.

PRANIS, Kay. Processos Circulares de Construção de Paz. Tradução Tônia Van Acker. São Paulo: Palas Athena, 2010.

ROSENBERG, M. B. Comunicação Não-Violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. Tradução Mário Vilela. São Paulo: Ágora, 2006.